EMIGRAÇÃO AÇORIANA E O BRASIL EM FINAIS DO SÉCULO XIX E INÍCIOS DO SÉCULO XX. O CASO DO DISTRITO DE PONTA DELGADA (1895-1902)

Susana Serpa Silva

INTRODUÇÃO

Os estudos publicados sobre a emigração açoriana ocorrida em finais do século XIX e inícios do século XX, comprovaram já a viragem definitiva, durante este período, dos emigrantes insulares rumo ao Havaí e aos EUA, em detrimento do Brasil.[1] Alguns autores falam mesmo desta época como o "1º ciclo norte americano". Todavia, não se afigura bem elucidado o papel que o Brasil continuou (ou não) a desempenhar como destino da emigração açoriana. A própria leitura ou enquadramento por *ciclos* faz esbater os desvios e as exceções quanto às tendências dominantes, pois ainda que tenha sido maioritária e procura da América do Norte, outros rumos eram demandados pelos habitantes das ilhas que, para mais, não eram homogêneos nas escolhas dos destinos de acolhimento.

Assim, o objetivo deste pequeno trabalho, que parte de uma rigorosa consulta dos registos de passaporte do distrito de Ponta Delgada, entre os anos de 1895 e 1902, é o de tentar perceber, numa abordagem que se pretende vir a prosseguir, se a procura do Brasil se tornou mesmo residual ou inexistente entre os emigrantes açorianos e, ainda, se é possível detectar quem foram aqueles que persistiram na procura das terras da América do Sul.

Esta breve análise que, olhada isoladamente, pode parecer um assunto menor no seio do estudo da emigração portuguesa, é na realidade um parcelar contributo para o estudo da emigração açoriana que, no cômputo nacional, era uma das mais elevadas. Segundo a *Direcção Geral de Estatística*, em relatório sobre a emigração portuguesa entre 1900 e 1914, no que dizia respeito às províncias, Trás-os-Montes ocupava o primeiro lugar no número de emigrantes (com o triplo de Lisboa) e em segundo lugar estavam os Açores. Relativamente aos distritos portugueses, aquele que oferecia maior contingente à emigração era o de Bragança, ficando em segundo lugar precisamente o de Ponta Delgada.[2]

---

1 Vejam-se, por exemplo, os trabalhos de JOÃO, 1991; MENDONÇA, 2002; MIRANDA, 1999; MEDEIROS e MADEIRA, 2004 e SILVA, 1996.

2 Ministério das Finanças, Direcção Geral de Estatística, *Emigração de Portugal desde 1900 a 1914*, p. 2, in INE – Base da Dados Digital.

OS *CICLOS* DA EMIGRAÇÃO AÇORIANA

A análise da emigração portuguesa, em geral, tem suscitado a determinação de *ciclos* de emigração, como forma de arrumação das diferentes vagas emigratórias ocorridas ao longo da História de Portugal. Segundo Maria Beatriz Rocha-Trindade, que passamos a citar, podem determinar-se pelo menos três grandes *ciclos* emigratórios não obstante as imprecisões subjacentes a este tipo de classificação:

> As grandes etapas da emigração Portuguesa dos princípios do século XIX até ao momento presente podem considerar-se, com toda a arbitrariedade envolvida em qualquer tentativa de classificação, como três fases ou ciclos da emigração portuguesa, apresentando características distintas. Definimos, inicialmente, um ciclo clássico, correspondendo essencialmente a movimentos transoceânicos de pessoas, /.../. A este sucede-se um ciclo moderno, abrangendo o terceiro quartel do século XX, /.../. Finalmente, vivemos actualmente o ciclo contemporâneo da emigração portuguesa que pode convencionalmente situar-se a partir de 1975, dominado pelo princípio da livre circulação de trabalhadores no espaço da actual União Europeia.[3]

Ora, no tocante ao arquipélago dos Açores e desde o seu povoamento, as ilhas tornaram-se polos de imigração / emigração graças à sua posição geoestratégica que as colocou na rota dos movimentos populacionais atlânticos. A emigração açoriana, portanto, não só integrou os *ciclos* portugueses, como foi marcada pelas suas próprias fases ou tendências. Excluindo as vagas dos séculos XVII e XVIII, sustentadas nas políticas régias e focando apenas a emigração espontânea do século XIX – que é objeto da nossa análise – verificamos diferentes referências a *ciclos* que nem sempre se sobrepõem ou coincidem.

Segundo Sacuntala de Miranda, por exemplo, em estudo publicado em 1999,[4] a emigração açoriana (em especial, micaelense) conheceu o importante "ciclo do Brasil" que, de acordo com os critérios da historiadora (de saudosa memória), se desenvolveu após a independência da colónia em 1822, se acentuou na década de 1870 (onde alcançou significado estatístico) e terminou em finais do século XIX, quando então se impôs o "ciclo americano". De fato, ao longo do século XIX o Brasil foi o destino preferencial daqueles que partiram das ilhas em busca de uma nova vida. Não podemos considerar, todavia, que a emigração para

3 ROCHA-TRINDADE, (s/d). *"História das Migrações Portuguesas",* www.janusonline. pt (consultado em Outubro de 2013).

4 MIRANDA, 1999.

terras de Vera Cruz se acentuou apenas após 1822. De acordo com Ricardo Madruga da Costa a emigração dos Açores no Antigo Regime destinava-se, sobretudo, ao Brasil, e este terá constituído um "fenómeno marcante" da sociedade insular no período final da Capitania Geral, isto é, entre 1800 e 1820. Como refere este historiador na sua tese de doutoramento:

> O certo é que, em finais do século XVIII e ao longo das duas primeiras décadas de Oitocentos, por iniciativa da Coroa ou pela iniciativa de privados com o patrocínio régio, mantém-se um significativo fluxo migratório em direcção à chamada América Portuguesa o qual, de acordo com o entendimento dos capitães-generais dos Açores, tinha consequências muito nefastas[5].

Por outro lado, o "ciclo do Brasil", definido por Sacuntala de Miranda, coincidiu, em boa parte, com o período da emigração açoriana (em especial, micaelense) para as ilhas de Sandwich (Havaí), cujo tempo-forte se pode balizar entre 1878 e 1898 aproximadamente. A historiadora fala mesmo do "ciclo havaiano" que terá levado para este arquipélago milhares de açorianos. Sendo assim, podemos afirmar que se consubstanciou um novo ciclo dentro de outro já existente e que continuou a persistir. É verdade que a autora reconhece *fases* no ciclo brasileiro, mas a existência de ciclos pressupõe uma maior demarcação entre eles e, afinal, o "ciclo da emigração para o Havaí" não se situa "entre o Ciclo do Brasil e o dos Estados Unidos"[6], como atestam os valores do Quadro I. Nos primeiros seis anos da década de 1880, cerca de 50% dos emigrantes que saíram do Distrito de Ponta Delgada tinham como destino o Havai e o *ciclo* brasileiro ainda não tinha terminado. Em 1891, por exemplo, 71% dos emigrantes deste mesmo distrito partiram para o Brasil.[7]

Ainda de acordo com Sacuntala de Miranda, o novo ciclo de emigração para os EUA inicia-se em finais do século XIX, quando terminam os "ciclos do Brasil e do Havai" e embora cortado pelo interregno das décadas de 1930 e 1940, prolongou-se nas seguintes, sempre devido à depressão económica da sociedade de origem. Já nos anos de 1880, contudo, se notava a emergência do fluxo açoriano com destino à América do Norte, além de que, por meados do século, muitos insulares rumaram à Califórnia, seduzidos pelas minas de ouro. Logo, afigura-se que a emigração para a então denominada *América* não se iniciou apenas no fim do século XIX, o que vai ao encontro da posição assumida por Luís Mendonça e José Ávila.[8]

---

5 COSTA, 2005: 205.

6 Cf. MIRANDA, 1999: 48.

7 MIRANDA, 1999: 48.

8 MENDONÇA e ÁVILA, 2002.

Quadro I
Emigrantes que partiram do distrito de Ponta Delgada entre 1880-1885

Anos	Total de emigrantes que partiram	Emigrantes com destino às ilhas de Sandwich
1880	--	351
1881	2.449	796
1882	3.798	2.027
1883	4.157	2.871
1884	2.019	319
1885	1.384	--
Totais	13.807	6.364
Fonte: GABRIEL DALMEIDA, p. 60-62. O autor baseou-se no ***Anuário Estatístico de Portugal*** de 1885		

Para estes estudiosos, existiram dois grandes *ciclos* que abarcaram a centúria oitocentista e que ambos balizam por datas bem precisas: o *ciclo* da emigração espontânea para o Brasil (1834-1879) e o "1º ciclo norte-americano" (1880-1920) que englobou o Havaí e os EUA. Desde logo, este excessivo rigor cronológico - como se os movimentos migratórios fossem estanques e absolutamente demarcados - parece-nos excessivo.

Por outro lado, sendo certo que nas últimas décadas de oitocentos a emigração açoriana atingiu valores avultados, destacando-se o distrito de Ponta Delgada que passou a liderar os fluxos de saídas rumo aos EUA, também é certo que a emigração açoriana para os EUA não começa exatamente no último quartel do século XIX. No distrito da Horta, por exemplo, ela remontará a finais do séc. XVIII, inícios do século XIX, devido aos contatos com as baleeiras norte-americanas,[9] prosseguindo por meados da centúria. Assim o atestam as palavras de Maria Beatriz Rocha-Trindade:

> Embora com muito menor dimensão, o destino dos Estados Unidos da América foi muito importante para a emigração portuguesa durante o século XIX, mantendo assinalável regularidade no século seguinte e mesmo até ao presente. A corrente principal teve origem nas ilhas atlânticas dos Açores, estimulada pelo recrutamento americano de marítimos destinados à actividade pesqueira, vindo a radicar-se sobretudo na Costa Leste dos Estados Unidos, desde os inícios daquele século. Como indicação, registe-se que entre 1870 e 1880 o número anual de chegadas veio a atingir as duas mil unidades. Mais tarde, tanto esta actividade como a do sector agrícola

9 Veja-se SILVA: "O Distrito da Horta no Contexto da emigração Açoriana", in SARGES; SOUSA e outros, 2010: 343.

> e pecuário vieram a determinar uma fixação na Califórnia, a qual passou a constituir, também, um destino específico da emigração açoriana.[10]

Além disso, é preciso ter em conta que a integração do Havaí no "ciclo norte-americano" pode suscitar alguma imprecisão na medida em que estas ilhas, originariamente povoadas por polinésios e economicamente dependentes dos EUA, só foram politicamente integradas no seu território a partir de 1898, por via de uma invasão militar. Por fim, restringir o "ciclo do Brasil" ao limite de 1879 leva a deduzir que este destino deixou de figurar entre os rumos da emigração açoriana, o que não corresponde à realidade. Por tudo isto, ambos os autores procuraram clarificar aquilo que a rigidez dos ciclos faz esbater:

> Com efeito, os Estados Unidos vão ganhar paulatinamente a preferência da larga maioria dos açorianos, à semelhança do que vinha sucedendo com o distrito da Horta, ao passo que a emigração para o Brasil entra em declínio. /.../. Também não se pense que o corte com o Brasil foi brusco e definitivo. Terminado o "semi-ciclo havaiano", o Brasil ainda permaneceu por mais alguns anos como o destino preferencial dos insulares. Só mesmo na década de noventa do século XIX é que os Estados Unidos começam a ganhar ascendente sobre o Brasil. Mas isso em relação aos distritos de Ponta Delgada e Angra, porque o distrito da Horta já há muito que havia feito a opção pelo continente norte-americano.[11]

Precisamente porque a realidade açoriana não era (nem é) homogênea e a divisão em *ciclos*, rigorosamente datados, se presta a inúmeras imprecisões, é que nos suscitou muitas dúvidas a utilização deste conceito na análise de um fenômeno demográfico e social complexo e de contornos por vezes imprecisos. Nada temos a obstar relativamente aos dados e ao conteúdo dos trabalhos dos autores já referidos e que são fundamentais para o estudo desta problemática. A questão que colocamos é apenas esta: será que o recurso ao conceito de *ciclo* é o mais adequado?

Etimologicamente, a palavra ciclo vem do latim *cyclus* e corresponde a um certo período de tempo que, uma vez finalizado, volta ao início. Pode também significar uma sequência de etapas, com características periódicas, inerentes a um grupo de fenômenos que se repetem numa dada ordem. Neste sentido, não se afigura um enquadramento conceitual adequado

10 ROCHA– TRINDADE, s/ d.

11 MENDONÇA e ÁVILA, 2002: 165-166.

ao binómio emigração / destino. Por outro lado, este é um conceito aplicado pela Economia na caracterização de períodos de crescimento e de contração. Ora, mesmo para alguns historiadores que se debruçam sobre questões ou conjunturas econômicas, o recurso à palavra ciclo é muito limitativo ou demasiado genérico.

Avelino Meneses, por exemplo, tendo em conta as preponderâncias produtivas e periódicas da história da economia açoriana, em virtude da sua sujeição às conjunturas euro-ultramarinas, isto é, por força da dependência externa, considera que não é correto o uso do conceito de ciclo econômico ou produtivo, pois os fatos desmistificam esta noção e o próprio conceito o é demasiado moderno para classificar realidades mais antigas. Será preferível, em seu entender, falar de fases de produção ou de culturas dominantes.[12] Também Fátima Sequeira Dias (de saudosa memória), em estudo publicado sobre a produção e o comércio de laranja, na ilha de S. Miguel, no século XIX, preferiu empregar a expressão "economia da laranja" em vez de *ciclo*, para realçar a importância destas exportações durante, aproximadamente, três quartos da centúria e que tanto contribuíram para a prosperidade do arquipélago, para a emergência de uma mentalidade empresarial e para a afirmação de uma elite económica autónoma. Porém, não tendo sido os seus proventos transversais a toda a sociedade micaelense e açoriana, muitos continuaram a ver-se na necessidade de "embarcar para o Brasil".[13]

O recurso à noção de ciclo advém, pois, da comodidade que propicia o seu emprego, permitindo uma organização ou arrumação temporal e geográfica de determinados fenómenos, sejam econômicos ou sociais, que facilita a análise do estudioso, neste caso, do historiador. Em nosso entender, o uso do conceito de ciclo, transposto para o estudo da emigração, torna-se também limitativo ou demasiado genérico, por depender de critérios e de metodologias arbitrárias e por suscitar imprecisões. Assim, será sempre preferível optar pela análise de períodos, de fases ou de tendências dominantes.

No que concerne aos Açores e apesar da sua reduzida dimensão territorial e humana, estes não são uma unidade, pois como já referimos, existiam diferenças de distrito para distrito a que acrescem, em determinadas décadas ou épocas, sobreposições ou cruzamentos de destinos de emigração. A heterogeneidade do fenómeno emigratório oitocentista entre os distritos açorianos está bem patente nas afirmações de Maria Isabel João:

---

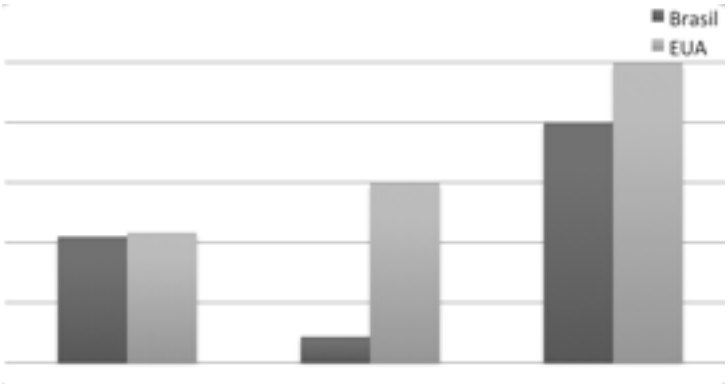
12 Veja-se, por exemplo: MENESES in MATOS, 2005; SERRÃO e MARQUES, 2011: 333; SERRÃO e MARQUES, 2011: 80.

13 DIAS, 1995: 232 e 240.
Disponívelhttps://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/494/1/FatimaSequeiraDias_p189-40.pdf

> Entre 1891-96, o distrito de Angra continua a enviar o maior contingente de emigrantes para o Brasil, mas a percentagem desceu para 68,4%, tendo aumentado, por conseguinte, a emigração para os Estados Unidos. No distrito de Ponta Delgada a maioria dos emigrantes ainda continua a ir para o Brasil (54,8%), se bem que a percentagem seja inferior à do distrito de Angra, representando portanto a emigração para os Estado Unidos quase metade do total. No distrito da Horta a situação é totalmente inversa, orientando-se a emigração decididamente para os Estados Unidos (91,5%) /.../. Esta tendência para uma orientação maciça em direcção à América do Norte só viria a revelar-se nos outros distritos no século XX.[14]

As palavras que acabamos de citar e que espelham bem a diversidade da diáspora açoriana no tocante aos destinos de acolhimento podem ser corroboradas com a leitura do Gráfico 1:

Gráfico I
Principais destinos da emigração açoriana entre 1891 e 1900,
segundo Relatórios do Movimento da População do Ministério da Fazenda



Como se pode observar no gráfico anterior, excetuando o caso do distrito da Horta, é no decorrer da última década do século XIX que começa a inverter-se a tendência brasileira a favor dos EUA, ainda que no caso de Angra seja pouco significativa. Neste distrito, como no de Ponta Delgada, o Brasil mantinha ainda um forte poder de atração sobre os insulares e só a partir do século XX é que efetivamente se começa a consolidar a superioridade norte-americana. A procura de um *novo* destino, no que toca ao distrito de Ponta Delgada - que foi

14 JOÃO, 1991: 189-190.

marcado por uma grande intensificação dos fluxos emigratórios - avultaria dado o agravamento da crise económica indissociável do encerramento das fábricas do álcool e do consequente abandono da cultura da batata doce.

A EMIGRAÇÃO DO DISTRITO DE PONTA DELGADA NOS FINAIS DO SÉCULO XIX E INÍCIOS DO SÉCULO XX

O Quadro II apresenta os resultados do levantamento efetuado para o Distrito de Ponta Delgada, que abarca as ilhas de S. Miguel e de Santa Maria, com base nos livros de registo de passaportes existentes na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada (BPARPD).[15]

Quadro II
Emigração do Distrito de Ponta Delgada entre 1895 e 1902
com base nos Registos de Passaportes

	1895	1896	1897	1898	1899	1900	1901	1902	Total
América	888	1116	748	504	1263	2493	1949	4363	13324
Brasil	2108	934	510	191	304	231	229	671	5178
Estrangeiro	30	18	11	10	20	22	21	25	157
Sandwich	543	11	0	1	0	0	0	4	559
África	16*	1	11	11	3	7	0	0	49
Outros**	0	1	20	0	0	2	1	0	24

* Incluí Cabo Verde.
** Entre os outros destinos contava-se: 1 saída, em 1896, para o Chile e mais 4 em 1897; 16 partidas para a Bermuda; 2 saídas para a Argentina em 1900 e, em 1901, 1 emigrante rumou à Oceania.

Como se pode verificar, entre 1895 e 1902 deparamos com um gradual aumento das saídas para os EUA (então designados como *América*) e uma lenta diminuição dos embarques para o Brasil, mais acentuada de 1895 para 1896, mas que volta a ascender em 1902. Ainda assim, ao longo deste período, o Brasil continuava a absorver 27% da emigração do Distrito de Ponta Delgada o que, em nosso entender, não será despiciendo. Como refere Sacuntala de Miranda:

> Na década de 1890, embora a emigração micaelense para os Estados Unidos experimente um aumento substancial, ainda o número total de emigrantes para esse país não ultrapassa a média anual de 851. Só na década de 1900 o numero de emigrantes que seguem para os Esta-

15 BPARPD – Fundo do Governo Civil do Distrito de Ponta Delgada, Livro 1386, *Registo de Passaportes – 1894 Nov. 7 – 1896 Jul. 18*; Livro 1387, *Registo de Passaportes – 1896 Jul. 24 – 1900 Abr. 17*; Livro 1388, *Registo de Passaportes – 1900 Abr. 18 – 1902 Dez.*

> dos Unidos passa a exceder, de longe, o dos que demandam o Brasil e atinge uma media anual de 3.297 indivíduos.[16]

As partidas para o estrangeiro diziam respeito a viagens com destino à Europa (especialmente Inglaterra, França ou Alemanha) e que nada têm a ver como fenômeno emigratório. O mesmo não se pode dizer em relação às ilhas de Sandwich (Havaí) que estavam em franco declínio como destino dos emigrantes micaelenses ou em relação à África que nunca teve a procura que era de desejada pelas autoridades nacionais.

A reviravolta em relação ao Brasil deu-se num curto espaço temporal. Ao longo da década de 1880 e ainda durante uma boa parte dos anos de 1890, o Brasil continuava a ser um destino muito atrativo uma vez que a miragem do enriquecimento brasileiro estava muito interiorizada entre os emigrantes açorianos. Uma carta de um emigrante no Havaí, datada de 28 de setembro de 1881, mostra o bom conceito relativamente ao Brasil e o enorme arrependimento pela opção tomada dadas as dificuldades sentidas naquelas ilhas. Dizia o pobre emigrante "a todos darei eu o conselho [que] se quiserem embarcar seja para os brasis, foi terra por onde Deus andou, pois estas aqui os pobres dos portugueses só vêm dar lucro a esta canalha".[17]

Gil Mont'Alverne de Sequeira, estudioso do fenômeno emigratório micaelense, também registou, em 1891, que nem a mudança de regime no Brasil - da Monarquia para a República - fizera diminuir a emigração açoriana para aquele território, sendo que, para mais, os próprios governos concediam inúmeras facilidades à imigração por causa da necessidade de mão-de-obra. Como aponta o autor:

> Hoje não emigram só os rapazes, emigram famílias inteiras, sem tenção de voltar, porque nada deixam que as prendam na terra de origem. Por lá casam os filhos, por lá enraízam amizades e criam afectos. Chegam a esquecer-se dos rochedos onde nasceram. Dantes, como havia o propósito de regressar, se a morte ou a desfortuna não pusessem o seu veto, a falta de braços era compensada pelo numerário que entrava. Actualmente, nem braços, nem dinheiro. Por isso o que ontem era um bem, hoje é um mal.[18]

---

16 Sacuntala de Miranda (1999), *ob. cit.,* p. 91.

17 Transc. por SILVA, 1996: 133.

18 SEQUEIRA [1894], 1994: 101.

Aquela que se havia transformado numa emigração sem retorno, como aponta Mont'Alverne de Sequeira, acabou, porém, por dar lugar a intensos fluxos com destino à América do Norte. Por conseguinte, até à I Guerra Mundial as Américas eram o rumo da emigração portuguesa: o Brasil, em primeiro lugar, para os habitantes do norte, outros países da América do Sul, ainda sem grande expressão e os EUA, especialmente para os emigrantes insulares, em particular do distrito de Ponta Delgada.[19]

Antes de tentarmos compreender as razões desta viragem, importa analisar o perfil dos emigrantes, deste distrito, que continuavam a demandar terras do Brasil, em finais do século XIX. Tomemos como exemplo o ano de 1895 em que saiu um total de 2108 pessoas com este destino.

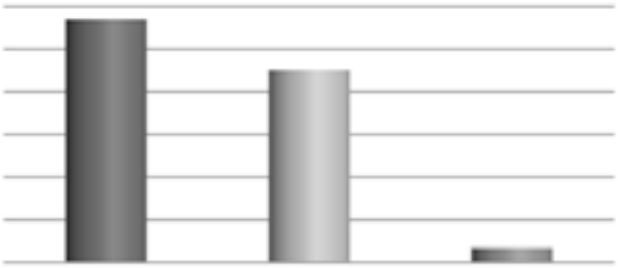
Gráfico 2
Ano de 1895: totais de registos de passaporte por sexo

Fonte: BPARPD – Fundo do Governo Civil do Distrito de Ponta Delgada, Livro 1386, *Registo de Passaportes – 1894 Nov. 7 – 1896 Jul. 18.*

Como podemos constatar pela leitura do Gráfico 2, a emigração para o Brasil era ainda maioritariamente masculina, pois as mulheres nem atingiam os 50% daqueles que requeriam passaporte. Destas, algumas acompanhavam os maridos, mas muitas iam reunir-se a eles (que já lá estavam) ou então eram solteiras, integrando, por exemplo, a prole dos casais que partiam. Se os jovens solteiros eram também em maior número, a percentagem de casados era também bastante elevada, como atesta o Gráfico 3. Sendo assim, não surpreende que as faixas etárias da infância, da adolescência e da juventude fossem também as mais abundantes, suscitando, por isso, preocupações como as manifestadas por Mont'Alverne de Sequeira no tocante à falta de braços, conforme já vimos.

19 Ministério das Finanças, Direcção Geral de Estatística, p. 2.

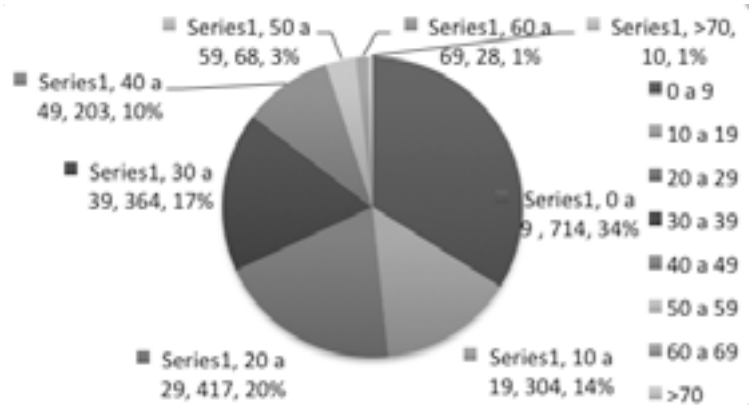
Gráfico 3
Ano de 1895: totais de registos de passaporte por estado civil



Fonte: BPARPD – Fundo do Governo Civil do Distrito de Ponta Delgada, Livro 1386, *Registo de Passaportes – 1894 Nov. 7 – 1896 Jul. 18.*

Face ao exposto no Gráfico 4, podemos verificar que se tratava de uma emigração jovem. Do conjunto de emigrantes, 69% situavam-se entre poucos meses de vida e os 29 anos. O montante de crianças até aos 9 anos era de 35%, do que se pode deduzir o carácter familiar desta emigração. Talvez por isso, o índice de analfabetismo fosse tão acentuado: 93%, não obstante sabermos que as taxas de escolarização, entre a população emigrante eram, em geral, muito baixas.[20]

Gráfico 4
Ano de 1895: totais de registos de passaporte por faixas etárias



Fonte: BPARPD – Fundo do Governo Civil do Distrito de Ponta Delgada, Livro 1386, *Registo de Passaportes – 1894 Nov. 7 – 1896 Jul. 18.*

20 Veja-se, por exemplo, MENDONÇA e ÁVILA, 2002: 183.

Aliás, as próprias condições socioprofissionais também indiciam ou explicam o elevado analfabetismo. Como se comprova pelo Quadro III, a esmagadora maioria dos emigrantes provinham de estratos populares, associados ao sector primário: 415 trabalhadores, 117 camponeses, 6 lavradores e 8 marítimos. A estes indivíduos acresciam 609 domésticas. O elevado número de indivíduos sem indicação de profissão deve-se, precisamente, à grande percentagem de crianças. Também relativamente ao distrito de Ponta Delgada, e para o intervalo temporal de 1901 a 1912, Sacuntala de Miranda apresenta as mesmas tendências: elevado montante de jornaleiros, de domésticas e de indivíduos sem profissão. Isto nos permite inferir que o perfil dos emigrantes de 1895 seria muito idêntico aos de outros anos. Apesar de nos cingirmos à análise de um só ano, na realidade, por todas estas características, não estaremos muito longe do perfil mais generalizado e abrangente dos emigrantes açorianos com destino ao Brasil e a outras paragens, ainda que existissem exceções – como já tivemos ocasião de abordar noutro estudo – e como também podemos verificar pelo Quadro III: 6 empregados comerciais, 3 estudantes, 9 negociantes e um tipógrafo. Todos estes saberiam, certamente, ler e escrever e talvez integrassem uma baixa classe média ou até um pouco superior, como seria o caso dos 25 proprietários.

Quadro III
Ano de 1895: totais de registos de passaporte por profissões

Profissões	Número de registros
Agência (vive de)	7
Arrieiros	3
Artesãos diversos *	6
Caixeiros	4
Camponeses	117
Carpinteiros	5
Domésticas	609
Emp. Comerciais	6
Estudantes	3
Lavradores	6
Marchantes	2
Marítimos	8
Negociantes	9
Oleiros	3
Pedreiros	2
Proprietários	25

Trabalhadores	415
Sem indicação	878
*Só com 1 registo: barbeiro, canteiro, marceneiro, sapateiro, serrador, tipógrafo. Fonte: BPARPD – Fundo do Governo Civil do Distrito de Ponta Delgada, Livro 1386, ***Registo de Passaportes – 1894 Nov. 7 – 1896 Jul. 18.***	

Se atendermos aos locais de origem ou proveniência, como apresenta o Quadro IV, também podemos constatar que a maioria dos requerentes de passaporte eram oriundos dos concelhos rurais da ilha de S. Miguel onde, a própria cidade (Ponta Delgada) era também marcada por fortes traços de rusticidade. De resto, não podemos deixar de salientar os 71 brasileiros que pediram passaporte e que seriam, em nosso entender, regressados ou exemplos de uma emigração de torna-viagem. Talvez alguns deles, partindo do princípio de que foram bem sucedidos, engrossariam o grupo dos proprietários.

Quadro IV
Ano de 1895:Totais de registos de passaporte por localidade de origem ou proveniência

Concelho ou Lugar de origem	Número de Registros
Ponta Delgada	642
Lagoa	174
Vila Franca	205
Ribeira Grande	508
Povoação	269
Nordeste	178
Outra Ilha	35
Reino	7
Madeira	3
Europa*	5
Brasil	71
Sandwich	2
América	8
Bermuda	1
Total	2108
Fonte: BPARPD – Fundo do Governo Civil do Distrito de Ponta Delgada, Livro 1386, ***Registo de Passaportes – 1894 Nov. 7 – 1896 Jul. 18.***	

Feita esta análise e tendo em conta as muitas décadas de emigração açoriana para o Brasil, resta-nos perguntar porque a mudança de rumo com destino aos EUA. Alguns autores apontam o facto de as condições oferecidas pelo Brasil se irem tornando menos aliciantes. Em finais do século XIX, o cônsul geral de Portugal no Rio de Janeiro justificava a retração com a perda de preponderância dos portugueses, naquele país, em atividades como o comércio, devido à entrada de imigrantes mais cultos e preparados.[21] Assim, a concorrência estrangeira terá criado dificuldades e até desmotivado os açorianos que, ainda para mais, eram marcados por um baixo índice de instrução que inviabilizava o recurso a diversificadas alternativas profissionais.

Além disso, a crise econômico-financeira que fustigou o Brasil na década de 1890, não só atingiu a população migrante, como suscitou alguns regressos forçados, levando à proliferação de notícias sobre a miséria vivida neste território o que, no conjunto, fez avolumar a opção norte-americana que se foi consolidando no vértice das preferências. Os EUA há muito que se iam tornando mais aliciantes e promissores (desde as minas da Califórnia à produção industrial) e as ligações Açores - América do Norte, com os barcos a vapor, eram cada vez mais fáceis e regulares. A ideia de progresso, emprego e civilização passou a estar mais associada aos EUA a ponto das próprias autoridades açorianas preferirem, desde meados da centúria, a emigração para estas paragens. Segundo a visão da época enquanto a emigração para os EUA ia "livre" e "importa[va] capitais de grande monta", a que se destinava ao Brasil ia "aliciada e escrava" e dos que volta[vam], a maioria vinha miserável.[22] Nas palavras de Mont'Alverne de Sequeira:

> O Brasil atravessa uma crise financeira séria. Na infância de novas instituições, os seus homens públicos precisam de alto critério para a governação, que é dificílima nas circunstâncias atuais. /.../ O Brasil de hoje não é para os que lá vão tentar fortuna uma sombra do Brasil de há 20 ou 30 anos. É um pais riquíssimo, tem recursos fabulosos, são vastíssimos os territórios incultos, mas a população tem crescido muito, embora a febre amarela, o beri-beri, a varíola, o tifo e as perniciosas dizimem milhares de existências todos os anos. A concorrência de géneros similares, provenientes de outras nações, tem enfraquecido os preços da borracha, do café, da salsa, do cacau e da copaíba, que são os mananciais da riqueza brasileira. Os recém-chegados são os grandes tributários das epidemias.[23]

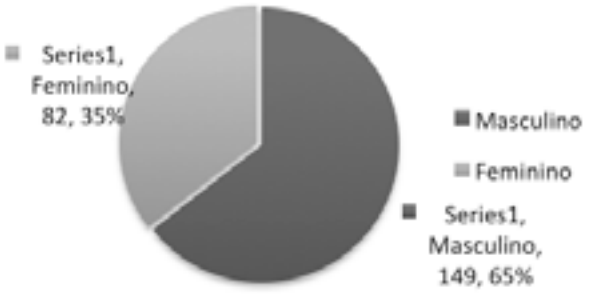
21 MENDONÇA e ÁVILA, 2002: 168-169.

22 JOÃO, 1991: 189.

23 SEQUEIRA, 1981: 125-126.

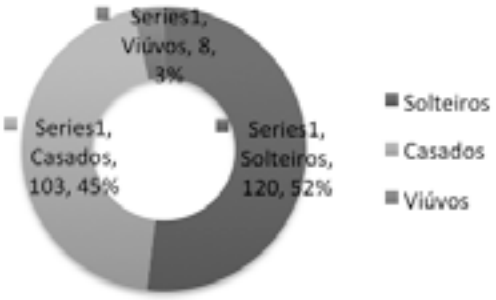
Ainda assim, mesmo em circunstâncias que adversas, nos primórdios do século XX, alguns micaelenses continuavam a preferir o Brasil - muito menos do que em tempos anteriores - talvez motivados pela presença lá de parentes ou conhecidos já com as vidas mais ou menos estabilizadas. Em 1900, saíram 231 emigrantes com este destino e já os EUA haviam suplantado o Brasil. Com base no exemplo deste ano, voltemos a analisar o perfil da emigração do Distrito de Ponta Delgada rumo ao Atlântico sul.

Gráfico 5
Ano de 1900: Totais de registos de passaporte por sexo



BPARPD – Fundo do Governo Civil do Distrito de Ponta Delgada, Livro 1388, *Registo de Passaportes – 1900 Abr. 18 – 1902 Dez.*

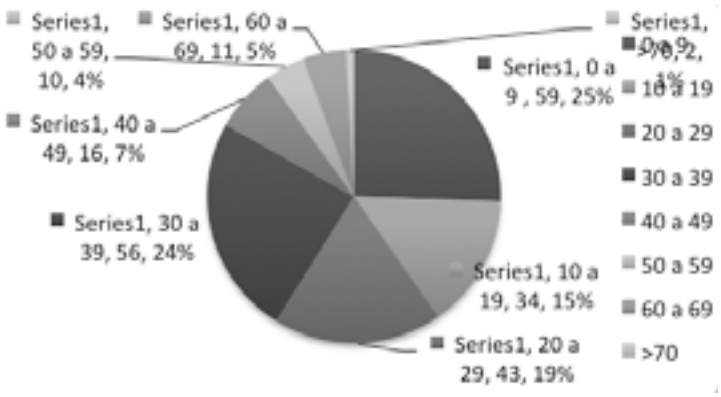
Gráfico 6
Ano de 1900: Totais de registos de passaporte por estado civil



BPARPD – Fundo do Governo Civil do Distrito de Ponta Delgada, Livro 1388, *Registo de Passaportes – 1900 Abr. 18 – 1902 Dez.*

Como podemos verificar pela leitura dos Gráficos 5, 6 e 7 a emigração rumo ao Brasil continuava a ser maioritariamente masculina e jovem, com claro predomínio para indivíduos solteiros e compreendidos entre alguns meses de vida e os 29 anos de idade (59%). Uma vez mais, a elevada taxa de analfabetismo persistia (78%) apesar de, como vimos, ser marcante a concorrência de migrantes de outras nacionalidades, mais cultos e preparados. O estado civil e as faixas etárias, voltam a dar-nos conta de uma emigração familiar – talvez com o intuito de fazer reunir a mulher e os filhos ao marido já embarcado em anos anteriores.

Gráfico 7
Ano de 1900: Totais de registos de passaporte por faixas etárias



BPARPD – Fundo do Governo Civil do Distrito de Ponta Delgada, Livro 1388, *Registo de Passaportes – 1900 Abr. 18 – 1902 Dez.*

Em nível socioprofissional o perfil dos emigrantes também não mudou, dado que era esta a realidade predominante nas ilhas. Como podemos observar no Quadro VI o sector primário continua a dominar, bem como as domésticas, notando-se um pequeno acréscimo de proprietários e alguns registos pontuais de profissões mais especializadas, como farmacêutico ou caixeiro.

Quadro VI
Ano de 1900: Totais de registos de passaporte por profissões

Profissões	Número de registos
Agência (vive de)	4
Artesãos e espec. diversos *	8
Camponeses	20
Carpinteiros	3
Domésticas	45
Emp. Comerciais	3
Negociantes	8
Oleiros	5
Pedreiros	2
Proprietários	29
Trabalhadores	42
Sem Indicação	62
*Só com 1 registo: alfaiate, caixeiro, farmacêutico, mergulhador, pastor, sapateiro, serrador, tipógrafo. BPARPD – Fundo do Governo Civil do Distrito de Ponta Delgada, Livro 1388, *Registo de Passaportes – 1900 Abr. 18 – 1902 Dez*.	

Finalmente, e uma vez mais, os locais de origem (Quadro V) indiciam um forte índice de ruralidade, enquanto os naturais do Brasil sofreram um considerável decréscimo. Será que para os nascidos no Brasil também já não era aliciante regressar às terras sul americanas?

Quadro V
Ano de 1900: Totais de registos de passaporte por localidades de origem ou proveniência

Concelho ou Lugar de origem	Número de Registros
Ponta Delgada	90
Lagoa	25
Vila Franca	42
Ribeira Grande	32
Povoação	20
Nordeste	12
Outra Ilha	2
Itália	1
Brasil	7
Total	231
BPARPD – Fundo do Governo Civil do Distrito de Ponta Delgada, Livro 1388, Registo de Passaportes – 1900 Abr. 18 – 1902 Dez.	

Embora, o Brasil não tenha desaparecido das escolhas dos emigrantes açorianos, não há dúvida de que a diminuição do número de emigrantes foi por demais acentuada. Segundo dados da *Direcção Geral de Estatística*, relativos ao anos de 1905 e 1910, o rumo da emigração açoriana foi o seguinte:

Quadro VI
Emigração por cada distrito dos Açores e destinos nos anos de 1905 e 1910[24]

Distrito	Número total de emigrantes		Europa		Brasil		América do Norte	
	1905	1910	1905	1910	1905	1910	1905	1910
Angra do Heroísmo	1164	2003	6	-	361	368	1095	1635
Horta	837	985	1	1	39	22	794	962
Ponta Delgada	4064	2580	26	20	253	143	3780	2417
Totais	6065	5568	33	21	653	533	5669	5014

Como se depreende dos dados apresentados no Quadro anterior, a emigração para o Brasil era cada vez mais diminuta representando, tanto em 1905, como em 1910, cerca de 10% do total de saídas. O distrito de Angra do Heroísmo continuava a ser aquele de onde partiam mais emigrantes para este país, isto é, 18%, em 1910, contra apenas 5,5% de Ponta Delgada. Todavia, o Brasil continuava a ser o segundo destino da emigração açoriana, ainda que em 1905 se tenham verificado, residualmente, saídas para África e para outros países da América do Sul. Curiosamente, no arquipélago da Madeira e no tocante a 1905 o volume de emigrantes para o Brasil ainda foi bastante elevado (67% do total), mas já em 1910 este destino é suplantado pela América do Norte. As opções dos madeirenses, porém, eram bem mais diversificadas: alguns partiam para outros países da América do Sul, para África e para a Oceania.

24 *Anuário Estatístico de Portugal, Anos de 1904-1905, Demografia*; Quadro III – Emigração, pp. 90-91; *Anuário Estatístico de Portugal, Anos de 1908-1910,* II – Demografia; III – Emigração, pp. 64-65, in INE – Base de Dados Digital.

CONCLUINDO

Sendo certo que na virada para o século XX, os EUA suplantam o Brasil como destino da emigração do distrito de Ponta Delgada (e Açores, em geral), contudo este país, apesar das vicissitudes, continuou a ser o segundo destino micaelense (e açoriano), ainda que a uma distância considerável do primeiro. Apesar desta nítida clivagem, que se prolongou pelo século XX adiante, entendemos que o recurso ao conceito de *ciclo* para explicar a emigração açoriana não será o mais adequado.

Sem usarmos a expressão *ciclo*, podemos falar de tendências dominantes, de destinos preferenciais ou de rumos da emigração que, todavia, mesmo no incremento do destino norte-americano, parece não excluir radicalmente o Brasil (talvez pelas raízes já cimentadas) e ao contrário da visão de certas autoridades e de alguns intelectuais, que defendiam acerrimamente que todos estes movimentos migratórios deviam ser canalizados para o continente africano. Era este era um velho objetivo que tardava em concretizar. Vejamos duas intervenções sobre o assunto:

> A colonização das possessões de África é hoje o nosso maior desideratum. Pois, se assim é porque não envidaremos os nossos esforços, procurando fazer derivar para ali uma corrente de emigração vinda dos Açores? Haveria nada mais conveniente, direi mesmo, mais realizável?
>
> Hintze Ribeiro, Câmara dos Deputados, 1880.

> Recolham-se os portugueses, que queiram voltar do Brasil para a sua pátria, colonize-se o Alentejo, rasguem-se novos horizontes nas nossas possessões do ultramar e encaminhe-se a emigração para a África portuguesa, afastando-a de países estranhos. Ao menos assim os portugueses trabalharão para Portugal.
>
> Gil Mont'Alverne de Sequeira, 1891.

Fontes

BPARPD – Fundo do Governo Civil de Ponta Delgada, Registos de Passaportes, Livros 1386, 1387, 1388.

Anuário Estatístico de Portugal, Anos de 1904-1905, Demografia; Quadro III – Emigração, in INE – Base de Dados Digital.

Anuário Estatístico de Portugal, Anos de 1908-1910, II – Demografia; III – Emigração, in INE – Base de Dados Digital.

Ministério das Finanças, Direcção Geral de Estatística, *Emigração de Portugal desde 1900 a 1914*, p. 2, in INE – Base da Dados Digital.

Almeida, Gabriel d', *As Ilhas dos Açores,* Lisboa, Viúva Bertrand & C.ª, 1889.

Sequeira, Gil Mont'Alverne de, "II– A Emigração Açoriana", in *Questões Açorianas,* 2ª ed., Ponta Delgada, Jornal de Cultura, 1994 (ed. original: 1891).

Referências bibliográficas e Webgrafia

CORDEIRO, Carlos e SILVA, Susana Serpa, 2010. "Perspectivas sobre Emigração Açoriana no século XIX", in *Aproximando Mundos. Emigração, Imigração e Desenvolvimento em espaços insulares.* Lisboa: FLAD, pp. 327-345.

COSTA, Ricardo Madruga da, 2005. *Os Açores e, finais do regime da Capitania-Geral, 1800-1820.* Horta: Núcleo Cultural da Horta, vol. I.

DIAS, Fátima Sequeira, 1995. "A importância da "economia da laranja" no arquipélago dos Açores durante o século XIX", in ***Arquipélago-História***, Universidade dos Açores, 2ª série, vol. I, nº 2, pp. 232 e 240. Disponível em https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/494/1/FatimaSequeiraDias_p189-240.pdf

JOÃO, Maria Isabel, 1991. *Os Açores no Século XIX. Economia, Sociedade e Movimentos Autonomistas.* Lisboa: Cosmos.

MEDEIROS, Octávio H. Ribeiro de e MADEIRA, Artur Boavida, 2004. *Emigração e Regresso no Concelho do Nordeste.* Ponta Delgada: Centro de Estudos Sociais / Universidade dos Açores.

MENDONÇA, Luís e Ávila, 2002. *José, Emigração Açoriana (sécs. XVIII a XX).* Lisboa: Ed. Autores.

MENESES, Avelino de Freitas de, 2005. "O Arquipélago dos Açores" in MATOS, Artur Teodoro de, coord., *A Colonização Atlântica*, tomo I, Serrão, Joel e Marques, Oliveira, dir., *Nova História da Expansão Portuguesa.* Lisboa: Editorial Estampa.

__, 2011. *Antigamente, era assim. Ensaio de História dos Açores,* Ponta Delgada, Publiçor.

MIRANDA, Sacuntala de, 1999. *A Emigração Portuguesa e o Atlântico, 1870-1930.* Lisboa: Salamandra.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, s/d. *"História das Migrações Portuguesas"*, www.janusonline. Pt

SILVA, Joaquim Palminha da, 1996. *Portugueses no Havaí. Séculos XIX e XX (da imigração à aculturação)*, s.l.. Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas.

SILVA, 2010. "O Distrito da Horta no Contexto da emigração Açoriana", in SARGES, Maria Nazaré; SOUSA, Fernando e outros. ***Entre Mares. O Brasil dos portugueses.*** Belém do Pará: Editora Paka-Tatu.